

11 MAR 2000

## COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

# Arroubos desafinados

O rompante definitivamente não é figurino que caia bem ao presidente Fernando Henrique Cardoso. Era San Tiago Dantas quem falava que há pessoas cujos defeitos contêm qualidades em si mesmos. Pois o presidente fez com seus últimos arroubos exatamente o contrário: deixou que sua melhor qualidade, a tolerância, se revelasse defeituosa no momento justo em que resolveu partir para o enfrentamento de dois problemas que lhe sugavam a paciência, a ousadia dos protestos de rua e a rebeldia de certa ala governista no Congresso.

A valentia em FH soa desafinada e, por conseqüência, sai exagerada produzindo efeito contrário à intenção que gerou o gesto. A pretexto de defender os valores democráticos, as liberdades coletivas, o presidente disse segunda-feira em São Paulo uma frase de imperdoável cunho autoritário. Frente a 150 manifestantes que o vaiavam, Fernando Henrique mostrou-se satisfeito por “encontrar uns mal-educados xingando a minha mãe e não pô-los na cadeia”.

Descontada a ligeireza idiomática – menos grave, mas igualmente imprópria pois revela indiferença ao princípio de que estilo exige fidelidade –, resta ainda a inadequação do conteúdo às regras da realidade. Primeiro que “xingar a mãe do presidente” ou de quem quer que seja não é crime previsto em lei. A não ser aquela que rege a boa convivência em ambientes civilizados, o que não leva ninguém à cadeia. E, segundo, ainda que falta de educação fosse crime hediondo e inafiançável, entre as prerrogativas do presidente não está a de determinar prisões em rito sumário.

Tivesse o Executivo esse poder, mais bem usado ele seria se fosse para jogar atrás das grades, por exemplo, os agentes da polícia do governador tucano Almir Gabriel que mataram 19 militantes do MST em Eldorado dos Carajás (PA). Como jamais se ouviu do presidente qualquer referência a semelhante intenção, convenhamos que a valentia manifesta em relação a meia dúzia de gritos de rua soa no mínimo desproporcional.

Igualmente espalhafatoso parece o recurso à Lei de Segurança Nacional (LSN) para tratar de invasão de prédios, que é problema de polícia. Se o governo quis com isso obter efeito simbólico proporcional ao simbolismo do caos que produziram as ações violentas do MST, conseguiu conter por ora a escalada de agressões à deriva mas conseguiu também reduzir a vitória pela metade.

É o que dá não agir com serenidade na hora certa. Quem não se antecipa aos fatos em geral é atropelado por eles.

Exatamente como aconteceu com a chamada base governista, em que durante seis anos grassou à vontade o mais oportunista dos oposicionismos. Quando o Palácio do Planalto resolveu perceber que não foi a esquerda – que mal se sustenta nas próprias pernas – quem lhe atrapalhou boa parte dos planos, usou da pior de todas as armas, que é o *Diário Oficial*, este ícone do fisiologismo.

Ao brandir a caneta de um lado e a LSN de outro, o presidente Fernando Henrique não construiu capítulo exatamente edificante à biografia com que pretende sair do governo para entrar na História.